

252

$$\begin{array}{r} 24 \\ \hline 12 \\ \hline 68 \end{array}$$

MENSAGEM DO NATAL DE 1968 DO SANTO PADRE PAULO VI

Irmãos e Filhos caríssimos,
e vós todos que nos ouvis, homens e mulheres,
cidadãos do mundo:

Nós, Paulo, servo dos servos de Deus, Bispo de Roma e Pastor da Igreja Católica, investido da missão de pregar o Evangelho da salvação e da paz, queremos anunciar-vos, uma vez mais, neste ano de 1968, quase no seu crepúsculo, e para o ano que está para iniciar-se de 1969, o Natal de Jesus, chamado Cristo (Mt. 1,16), Nosso Senhor (Rom. 1,4).

Ecoa, na nossa flébil voz, a voz dos séculos. Efectivamente há séculos que este anúncio se repete; e sempre, na sua mensagem autêntica, ou no seu eco confuso, chega até nós, como uma notícia fresca, a boa nova para a humanidade. O relógio do tempo, todos os anos a esta hora dulcíssima, assinala um momento que parece surpresa, pleno de sentido, de interesse e de esperança. É na verdade um momento feliz. É um momento profundamente humano. É um momento misteriosamente sagrado. É um momento que atinge intimamente a nossa vida, a sua consciência, a sua essência e o seu destino. Neste momento perfilam-se diante do nosso olhar os valores primários e concretos da vida: a infância, a família, a casa, a mesa, o repouso, a serenidade, a paz etc. E, então, irrompem nos corações os sentimentos melhores: a bondade, a compaixão e o amor.

É assim o Natal!

É-nos grato, neste momento, focar o aspecto intencional do facto maravilhoso que é o Natal; isto é. o porquê da vinda de Cristo ao meio de nós.

Irmãos e Filhos e Homens todos que nos ouvis: convidamo-vos a exultar connosco, a nossa alegria é a mais verdadeira e a mais sublime de todas. O porquê da vinda de Cristo é a nossa salvação. Nenhum acontecimento nos diz respeito tão directamente como o Natal. Nós repetimo-lo todas as vezes que, durante a Santa Missa, recitamos o "Credo". "propter nos homines et propter nostram salutem descendit de caelis" - por nós homens e por nossa salvação desceu do Céu!

Por isso mesmo, nós sentimo-nos feliz, em repetir hoje ao mundo o anúncio do Natal, como uma mensagem de esperança. Cristo é a verdadeira e a suprema esperança da humanidade!

Não é difícil observar quanto é influente no nosso tempo a esperança; ela caracteriza-lhe mesmo os aspectos salientes. Hoje tudo se se move e se modifica sob o signo e com o impulso da esperança. O homem

DA 1968 12 24 1

de nossos dias pensa, trabalha e vive a crédito da esperança. Não é porventura a esperança o que estimula interiormente o dinamismo moderno? Não é acaso a esperança a raiz que alimenta o labor imenso do mundo, lançado na senda da própria transformação e do próprio progresso? Não é ainda a esperança o atractivo apocalíptico para um futuro a conquistar e para um humanismo novo, que deverá sair da crisálida das concepções tradicionais do convencionalismo social?

Ninguém actualmente se sente satisfeito e recompensado por aquilo que o presente lhe oferece. Outrora, a experiência dos velhos era garantia dos ordenamentos vigentes ou desejáveis; mas, agora, esses mesmos ordenamentos são impugnados precisamente porque herança do passado; e assim, anseia-se mais por subvertê-los do que por conservá-los e renová-los, na esperança cega de que a novidade só por si seja fecunda de progresso humano. Já se não acredita nos valores estáveis da fé, da cultura e das instituições e olha-se o futuro, não já sob o aspecto cronológico, coerente com uma tradição em vias de desenvolvimento orgânico; mas sim, sob um ângulo de rebeldia, avara de surpresas e indefinível, fazendo uma firmeza quase fatalista e messiânica, numa renovação radical e geral e numa felicidade finalmente livre e plena.

Dois factores contribuíram para gerar esta tensão da esperança: a descoberta das possibilidades cada vez mais amplas de imprevisíveis conquistas, mediante a exploração científica e o domínio técnico da natureza, e a consciencialização das condições de penúria, em que se encontra ainda, sob muitos aspectos, a maior parte da humanidade. Esta dupla descoberta fez despertar desejos novos e imensos nos corações humanos, isto é: a esperança de vir a empregar a riqueza dos meios conquistados para colmar as lacunas da fome, da miséria, da ignorância, da precariedade, da insuficiência, que ainda pesam dolorosamente sobre o homem do nosso século.

Estamos portanto na época da esperança.

Mas, esta é a esperança do reino da terra, a esperança na ^{mesma} insuficiência humana. E, exactamente nos nossos dias esta esperança está a atravessar uma crise gravíssima.

De facto, um fenómeno grandioso e complexo se esboça ante o olhar assombrado do homem contemporâneo. Em primeiro lugar, é o próprio bem-estar que a actividade humana inteligente e laboriosa vai criando, que se torna facilmente fonte de novas necessidades e muitas vezes de sofrimentos mais graves; o mesmo progresso desencadeia, em determinados campos, perigos enormes e medonhos, para toda a humanidade; o emprego que o homem moderno poderá vir a fazer das forças mortíferas de que se apoderou, espalha no nosso horizonte,

não já a esperança, mas nuvens sombrias de terror e de alucinação. A paz dos povos, ou para dizer com mais exactidão, a existência dos homens sobre a face da terra está em perigo. O poder destruidor do homem moderno é incalculável; e a fatal probabilidade que um tal poder encerra de vir a devastar a cidade humana, está dependente de causas trágicamente livres, que nem a ciência, nem a técnica podem dominar. Sucede então que à esperança vem substituir-se a angústia.

Mais ainda, e infelizmente: há um outro caminho, pelo qual a nossa geração chega a resultado análogo. O homem de hoje apercebeu-se já de que toda a montagem do sistema económico e social, que ele mesmo laboriosamente constroi, com resultados práticos esplêndidos, ameaça de tornar-se para ele prisão e de privá-lo da sua personalidade, para assemelhá-lo a um instrumento mecânico da grandiosa máquina produtora. Esta máquina, de facto, ao mesmo tempo que lhe proporciona numerosas e maravilhosas melhorias exteriores, submete-o a um colossal mecanismo dominador. Nascerá assim uma sociedade superabundante de bem-estar material, satisfeita e exultante, mas vazia de ideais superiores que dêem sentido e valor à vida, e como que surda aos gemidos dos pobres, de perto e de longe, os quais também se chamam homens e são irmãos. A mira de alguns, em especial jovens, habitualmente visionária e profética, ficou obscura, pela falta do ensino de princípios absolutos e pela difusão sistemática da dúvida e do agnosticismo. Depois, a certa altura, a contestação tornou-se moda, com a tentação de degenerar em revolta, em violência e em anarquia. Assim, também neste campo social e ideal, a esperança humana se degrada e se apaga.

Nós verificamos, com mágoa, que, precisamente por causa destas desorientações colectivas, se vão perdendo valores históricos, culturais e morais, apesar de tudo ainda válidos e dignos, com prejuízo de toda a comunidade civil. Vemos com estupefacção que muitos cidadãos íntegros e honestos e mesmo mestres avisados e até agora ouvidos e homens responsáveis pelo ^{bem} público não encontram em si mesmos energias para defenderem e para reviverem genialmente um património de civilização, adquirido com sacrifícios imensos e aberto para ser disfrutado ^mcomumente e para poupar à sociedade, e às gerações futuras de modo especial, as consequências de funestas destruições materiais e morais. E, com pesar, vemos ainda que, muitas vezes, o suposto remédio para tais desordens, já actuadas ou temidas, se reduz ao recurso à repressão gravosa da legítima liberdade, ou à privação geral dos direitos civis, ou ainda ao desconhecimento das necessidades implorantes da gente pobre. Também deste modo a esperança resta ferida.

A reflexão poderia continuar, centrando-se na vida interna-

cional: está a diminuir a esperança na paz?

E poderia descer também ao âmago de muitos espíritos, representativos da cultura moderna: jamais, talvez, como em nossos dias, a literatura, o mundo do espectáculo e da arte e o pensamento filosófico foram testemunhas impiedosas das deficiências do homem, da sua fraqueza mental, da sua sensualidade dominante, da sua hipocrisia moral, da sua criminalidade fácil, da sua crueldade sem rebuços, da sua possível abjecção e da sua personalidade ^{inconsistente;} e toda esta complacente acusação se tem vindo a apoiar sobre um argumento terrível e aparentemente irrefutável: isto é o homem! é assim o grande e miserável filho do século! Esta é a verdadeira realidade da vida.

E então, irmão homem, onde está a tua esperança?

Se propomos assim à vossa meditação, caros ouvintes, um tema tão complexo e tão vasto e, digamos mesmo, tão real, não o fazemos certamente para perturbar com idéias sinistras e desconfortadas a quadra serena do Natal; fazemo-lo outrossim, para vos levar a compreender melhor e a acolher com prazer a grata mensagem de esperança que o mesmo Natal traz consigo.

A experiência da condição dramática, e por si mesma desesperada, da vida humana, experiência que o progresso moderno, longe de fazer esquecer, ^{não raro} torna ainda mais aguda e exasperada, deve levar-nos a admitir uma necessidade insuprível, que a humanidade, em formas e em graus diferentes sempre carregou consigo, no fundo da própria consciência: a necessidade de ser salva. Sim, todos temos necessidade de ser salvos. Só com as nossas forças não o conseguiremos (Cfr. Rom. 7, 15ss). A nossa labuta presunçosa para nos salvarmos sòzinhos, aumenta por fim a experiência da nossa incapacidade radical. Digamos ainda mais, abalizados pelo conhecimento do homem e da história: temos necessidade de um Salvador, de um Messias. O nome de Jesus significa Salvador; e Cristo quer dizer Messias. Este nome "Jesus Cristo" é o anúncio da nossa salvação; é a promessa que dá fundamento à nossa esperança.

Temos necessidade de Cristo. É necessário que Ele tenha um poder divino, porque nenhum outro poder seria capaz de vencer os nossos males. É necessário que Ele tenha uma fraternidade humana, porque se Ele não fosse irmão, nós não o poderíamos entender bem. É o Pontífice do mistério de Cristo, São Leão, quem nos fala nestes termos: "se (Cristo) não fosse verdadeiro Deus não poderia trazer remédio; se não fosse homem verdadeiro, não daria exemplo" - "nisi enim esset Deus verus, non afferret remedium, nisi esset homo verus, non praeberet exemplum" (Serm. XXI; P.L. 54, 192).

Eis pois a razão, porque o nosso anúncio do Natal, após quase vinte séculos, conserva a sua actualidade. E, pela fé que nele depositamos, dizemos também: e a sua validade. Nós estamos autorizado a fazer nossas as vibrantes palavras do Anjo do Natal: "anuncio-vos uma grande alegria, para todo o povo: nasceu-vos hoje, na cidade de David, um Salvador" (Lc. 2,10-11).

E não será vão o anúncio, porque não será vã a esperança que nele depositarmos. Aquela Cristo, que naquela noite abençoada, mediante a virginal maternidade de Maria, se inseriu na história e nos destinos da humanidade, vive ainda hoje. Vive na plenitude de uma glória, para nós ainda sem nome possível e sem conceito adequado, na vida celeste; mas, mesmo de lá, vive também ainda aqui no meio de nós, renascendo continuamente, como o manancial na sua fonte, no seu Corpo Místico, que é a Igreja, e continua a difundir no mundo a sua verdade e a sua graça.

Com efeito, Ele é, como diz o Evangelista, cheio de graça e de verdade (Cfr. Jo. 1,14). A sua verdade, ou seja, a sua palavra, que actualiza entre nós o seu pensamento, é para nós mestra de vida; revela-nos quem é Deus e ensina-nos quem é o homem; diz-nos o que devemos fazer e amar; faz-nos ver no mesmo homem que sofre, algo mais que um simples irmão - Ele mesmo; restitui-nos à liberdade e à dignidade e à expectativa do homem ideal; e torna-nos capazes de actuar a bondade, a justiça e a paz. Esta palavra é a luz do mundo. E, para que tão luminosa e elevada palavra não ofusque os nossos os nossos olhos fracos e não esmague e confunda a nossa fraqueza inata, Ele corrobora-a com uma ajuda misteriosa e potente: a acção do seu Espírito. Isto é o Natal. Esta é a Incarnação, que partindo de Cristo, avassala a humanidade, sacode-a, desperta-a, inquieta-a e regenera-a, agora no tempo, para guiá-la para além do tempo, para a eternidade.

É uma palingenesia lenta, mas segura; laboriosa, mas triunfante; antiga, mas clamorosamente actual. É o cristianismo. Ele tem, efectivamente, a virtude de infundir a esperança e de dar a vida; e isto, não só na sua esfera própria, qual é a religiosa e sobrenatural, mas de infundi-la mesmo na ordem profana e temporal, a qual vinculando as suas esperanças terrenas, e por isso mesmo caducas, à esperança inabalável descida do reino dos céus, alcança a certeza de que não é vão o seu trabalho. É o cristianismo vivo nas realidades que Cristo opera entre nós: a inocência cândida e enternecedora das crianças, a oblação do sofrimento dos doentes, o amor são e profundo das famílias, a generosidade desinteressada dos jovens, a paciência humilde e suplicante dos pobres, a labutação anelante por maior justiça dos trabalhadores, a caridade silenciosa e a oração incessante nas comunidades dos fiéis. É assim o cristianis-

257

mo vivo da Santa Igreja Católica, realizadora das esperanças eternas e não menos confortadora das terrenas, verdadeiramente humanas (Cfr. Const. "Gaudium et Spes").

Nós estamos tão profundamente sensibilizado e tão seguro de tudo isto, dilectos Irmãos e Filhos, que é com efusão de coração que vos reiteramos a sua mensagem feliz e queremos corroborá-la com a nossa Bênção Apostólica.
